



Folha Arquidiocesana

Nº 266

08 DE SETEMBRO DE 2024

XXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM - ANO B

A liturgia do 23.º Domingo do Tempo Comum apresenta-nos a imagem de um Deus profundamente comprometido com a vida e a felicidade dos seus filhos. Ou seja, homem em geral é o objecto principal do seu amor.

LEITURA I – Leitura do Livro de Isaías 35, 4-7a

«Então se desimpedirão os ouvidos dos surdos e a língua do mudo cantará de alegria»

Dizei aos corações perturbados: «Tende coragem, não temais. Aí está o vosso Deus; vem para fazer justiça e dar a recompensa; Ele próprio vem salvar-nos». Então se abrirão os olhos dos cegos e se desimpedirão os ouvidos dos surdos. Então o coxo saltará como um veado e a língua do mudo cantará de alegria. As águas brotarão no deserto e as torrentes na aridez da planície; a terra seca transformar-se-á em lago e a terra árida em nascentes de água.

Neste trecho do texto do profeta Isaías, compreendemos que o ambiente em que o profeta se encontra, isto é, antes do exílio da Babilónia, era de um verdadeiro marasmo, no qual o pecado parecia dominar e, por isso, o profeta surge como a voz de Deus no meio do povo, fazendo-os entender que é necessário crer na palavra de Deus e esperar que Ele venha em favor do seu povo e, enquanto isto não acontece, o povo, por sua vez, deve crer e não temer.

Os capítulos 34-35 do livro de Isaías constituem aquilo que se chama pequeno apocalipse de Isaías para distinguir do grande Isaías que aparece nos capítulos 24-27.

Este capítulo que lemos hoje descreve a vitória definitiva do povo de Deus sobre os inimigos, pois a intenção do profeta é consolar os exilados, desanimados, frustrados e mergulhados no desespero, porque a libertação é sempre uma realidade em Deus, embora ela tarda e pareça que Deus nos tenha abandonado, ela é sempre um facto.

SALMO RESPONSORIAL 145 (146), 7.8-9a.9bc-10

Refrão: *Ó minha alma, louva o Senhor.*

Ou: *Aleluia.*

LEITURA II – Leitura da Epístola de são Tiago 2, 1-5

«Não escolheu Deus os pobres para serem herdeiros do reino?»

Irmãos: A fé em Nosso Senhor Jesus Cristo não deve admitir acepção de pessoas. Pode acontecer que na vossa assembleia entre um homem bem vestido e com anéis de ouro e entre também um pobre e mal vestido; talvez olheis para o homem bem vestido e lhe digais: «Tu, senta-te aqui em bom lugar», e ao pobre: «Tu, fica aí de pé», ou então: «Senta-te aí, abaixo do estrado dos meus pés». Não estareis a estabelecer distinções entre vós e a tornar-vos juízes com maus critérios? Escutai, meus caríssimos irmãos: Não escolheu Deus os pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que Ele prometeu àqueles que O amam?

S. Tiago, na segunda leitura, convida a sua Igreja, que também é nossa, a não fazer acepção de pessoas, sobretudo em prejuízo dos pobres e marginalizados, que são especialmente queridos e amados por Deus.

Este texto que a liturgia de hoje nos apresenta pertence à segunda parte da Carta que reflete sobre a fé em Deus. De uma forma muito prática, este sábio cristão ensina que a fé se concretiza no amor ao próximo, sem qualquer tipo de discriminação ou de acepção de pessoas e que a mesma se expressa, não através de ritos formais ou de palavras ocas, mas de acções concretas em favor do homem. De acordo com o autor da carta, a fé dos crentes deve ser uma fé operativa, que se traduz num compromisso social comunitário.

São Tiago lidera nesta altura a comunidade de Jerusalém que se encontrava dividida entre ricos e pobres de tal maneira que os ricos, menosprezando os pobres, sentiam-se superiores a eles, e sobretudo melhores. Essa aversão crescente, visível e perceptível, contamina a fé e desalicerça a comunidade.

Por isso, o apóstolo recomenda que, pela fé, esta que tem também o carácter da crença em si que consiste no ver, no saber e no reconhecer que as coisas são como são, em Jesus Cristo, não haja acepção de pessoas.

Portanto, quem procura Jesus Cristo e procura com coerência segui-l'Ó, tem de assumir os seus valores, os valores do Reino, por isso, não pode, no trato com as pessoas, deixar-se levar pelo favoritismo e pela parcialidade, ou assumir qualquer tratamento discriminatório, mas sempre com imparcialidade, amor e ternura.

PROPRIEDADE:

Arquidiocese de Luanda

EDIÇÃO:

Pe. Cláudio Zua |
Pe. Salvador Pereira |
Pe. Vicente Bernardo |

TÉCNICA:

Francisco Capita |
Gad Maria Inácio |

COMENTÁRIOS:

Pe. Benedito Capitango

CONTACTOS:

Email: dominical
WhatsApp: +244

EVANGELHO segundo são Marcos 7, 31-37

«Faz que os surdos oiçam e que os mudos falem»

Naquele tempo, Jesus deixou de novo a região de Tiro e, passando por Sidónia, veio para o mar da Galileia, atravessando o território da Decápole. Trouxeram-Lhe então um surdo que mal podia falar e suplicaram-Lhe que impusesse as mãos sobre ele. Jesus, afastando-Se com ele da multidão, meteu-lhe os dedos nos ouvidos e com saliva tocou-lhe a língua. Depois, erguendo os olhos ao Céu, suspirou e disse-lhe: «Effathá», que quer dizer «Abre-te». Imediatamente se abriram os ouvidos do homem, soltou-se-lhe a prisão da língua e começou a falar corretamente. Jesus recomendou que não contassem nada a ninguém. Mas, quanto mais lho recomendava, tanto mais intensamente eles o apregoavam. Cheios de assombro, diziam: «Tudo o que faz é admirável: faz que os surdos oiçam e que os mudos falem».

O Evangelho deste domingo leva-nos a compreender que o milagre realizado por Jesus, com uma série de gestos externos, realça facto a participação mediadora da humanidade de Cristo em seus milagres. Uma mediação que se realiza numa dupla direcção: por um lado o “abaixamento” e a proximidade do Verbo encarnado até nós; por outro lado, a intenção de despertar no ser humano a confiança, a fé e a conversão do coração. Ademais, convida a livrar nossos ouvidos de toda surdez espiritual, que nos impede de acolher a Palavra de Deus. A taumaturgia de Jesus, na cura do surdo, revela-nos ainda que somos chamados a ouvir e proclamar sua palavra. O “Éfata” por ele pronunciado tem força dinâmica de abrir os nossos ouvidos e a nossa boca, pois nossos sentidos favorecem o conhecimento da palavra, a intimidade com ela, a fim de que outros também a possam ouvir. A surdez e a mudez que atacam os seres humanos não estavam no plano original de Deus para a humanidade. Deus criou o ser humano para a relação, para o diálogo e para a comunhão.

O surdo-mudo incapaz de escutar a palavra de Deus, pode perfeitamente representar aqueles homens e mulheres que vivem fechados aos projetos e aos desafios de Deus, que não têm espaço nem disponibilidade para Deus e para as suas propostas. Esta é uma das doenças mais significativas do nosso tempo; pois o que caracteriza o século XXI não é o ateísmo, mas é a indiferença em relação a Deus e em relação ao outro.

Surdo-mudo é todo aquele que se fecha no egoísmo e no comodismo e permanece indiferente aos apelos do mundo. Somos surdos-mudos quando não escutamos os gritos dos injustiçados e lavamos as nossas mãos; somos surdos-mudos quando pactuamos com valores que tornam o homem mais escravo e mais dependente; somos surdos-mudos quando encolhemos os ombros, indiferentes, face à guerra, à injustiça e à doença.

O surdo-mudo de que o Evangelho nos fala trazido e apresentado a Jesus por outras pessoas deve fazer-nos pensar na nossa obrigação de fazer a ponte entre os irmãos que vivem prisioneiros da surdez-mudez e a proposta libertadora de Jesus.

O gesto de Jesus de erguer os olhos ao céu recorda-nos que é preciso manter sempre no meio da acção a referência a Deus. Não conseguiremos ser arautos de uma nova humanidade, de uma humanidade liberta do egoísmo e da autossuficiência, se não nos mantivermos conectados por Deus, em diálogo com Deus, e fortalecidos pelo Espírito Santo.